



RESENHA

MACDONALD, Dennis. **The Legend and the Apostle: The Battle for Paul in Story and Canon**. Philadelphia: The Westminster Press, 1983.

Cainã Lima Novaes dos Santos¹

A obra *Vida e Milagres de Santa Tecla*, uma hagiografia do século V, tem sido meu objeto de estudo durante o último ano. Sob os Estudos de Gênero, tenho tentado compreender de que maneira ela sugere que as mulheres deveriam se comportar no contexto de ascensão do episcopado monárquico na Antiguidade Tardia e do consequente afastamento das mulheres de papéis de importância, especialmente na Ásia Menor, onde se circunscreve a narrativa hagiográfica.

Tecla, a fim de uma breve introdução à personagem, é uma mulher de origem aristocrata cuja aparição é registrada pela primeira vez nos *Atos de Paulo e Tecla*, do séc. II — um dentre outros “Atos Apócrifos” preocupados em mostrar a atividade missionária de alguns apóstolos —; sua história gira ao redor de querer acompanhar Paulo no seu itinerário apostólico, depois de ouvi-lo pregar na casa ao lado da sua, na Selêucia (DEVAI, 2019). Ela, no entanto, era noiva de Tâmires, um homem que, assim como a sua mãe e pai, vão articular que a prendessem juntamente com Paulo, acreditando que o que acontecia se tratava de um caso de adultério (DEVAI, 2019). Tecla vai resistir a uma piscina de focas, ursos, leões, a uma tentativa de estupro, vai ser consagrada apóstola, batizar pessoas e a si mesmo em determinado momento (*Idem*, 2019).

A hagiografia do século V, que não é o ponto de partida da obra a ser resenhada aqui, mas sim os *Atos de Paulo e Tecla*, registra além dessa mesma história, mais de quarenta milagres atribuídos a santa². Sua narrativa é considerada a precursora de um *topos* hagiográfico: o do travestimento, *cross-dressing*, mulheres-monge ou santas transgênero - termos em disputa pela historiografia e que pretendo discutir melhor em outro momento - pois de acordo com Vogt (1995, p. 147):

¹ Graduando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro do Programa de Estudos Medievais da UERJ (PEM/UERJ); ATRIVM/UFMS; e Agios/UFF. Contato: cainalimma3@gmail.com

² Para ver mais em relação à hagiografia, ler: SANTOS, Cainã Lima Novaes dos. *Vida e Milagres de Santa Tecla (séc. V): contexto de produção e características gerais*. In: SILVEIRA, Marta de Carvalho; RIGAS MARTINS, Rosiane Graça; VELOSO, Wendell dos Reis (Orgs.). *Diálogos Medievais*. Rio de Janeiro: Chalé Editorial, 2024, p. 18–26.



A ideia da mulher disfarçada ou vestida como um homem é evidente na literatura cristã mais antiga: o apócrifo *Atos de Paulo e Tecla*, em que Tecla, uma jovem bem nascida e linda virgem, depois de ouvir Paulo pregar, deixa seu noivo para trás e segue o apóstolo. Devido suas andanças, ela corta o seu cabelo e assume temporariamente um traje masculino. Tecla foi uma das santas femininas mais admiradas da Igreja antiga, e sua aparência masculina chegou a ser representada iconograficamente em alguns momentos (tradução nossa).

Mais especificamente quero entender o porquê Tecla, bem como outras personagens do período (populares sobretudo em Bizâncio), possuem como característica principal a adoção de vestimentas e gestos associados à masculinidade em contraposição à supressão das qualidades relacionadas à feminilidade. Nesse sentido, muitos autores entenderam a relevância dessas figuras na Antiguidade Tardia como um rastro de uma atuação das mulheres muito maior do que se pressuponha, ou ainda, da presença de um movimento que reivindicasse a libertação feminina - grupo de autores no qual podemos considerar Dennis MacDonald, introduzido a seguir. Ademais, diversos outros autores argumentam o contrário.

Portanto, de modo a discernir melhor as diferentes tendências historiográficas para contribuirmos efetivamente para o debate a respeito dessas figuras, trago uma resenha de *The Legend and The Apostle: The Battle for Paul in Story and Canon* de autoria de Dennis Ronald MacDonald, pesquisador norte-americano que leciona Novo Testamento e Cristianismo Originário na Escola de Teologia Claremont na Califórnia. Sua produção se concentra nos *Atos* (especialmente os de André e Tecla) e a respeito da influência que a poesia homérica exerceu sobre o Novo Testamento. São muitos trabalhos concentrados na literatura cristã dos primeiros séculos. No que se sobressai o seu trabalho referido há pouco, lançado no ano de 1983, foi alçado ao patamar de um marco no que tange a historiografia que discute o papel das mulheres no cristianismo da Antiguidade Tardia, dada a importância da figura de Tecla no período e a conseqüente quantidade de trabalhos escritos a seu respeito.

A opção pela obra mencionada anteriormente se dá também por outros dois motivos: em primeiro lugar, o fato de MacDonald, ao lado de Stevan Davies e Virginia Burrus (respectivamente em 1983, 1980 e 1987) “elevarem a discussão sobre os *Atos* a um outro nível” (Barrier, 2016, p. 345, tradução nossa), e um segundo momento, destaca-se o fato de que mesmo as interpretações que mais se distanciam da historiografia feminista à qual MacDonald se filia surgem justamente em oposição a ela, como atesta Shelly Matthews ao fazer um balanço da polarização que marcou o campo a respeito do tema (2001). Burrus, cuja hipótese nos parece clara no título da sua obra *Chastity As Autonomy: Women in the Stories of Apocryphal Acts* (1987), coaduna com o posicionamento de MacDonald a respeito da interpretações dos *Atos de Paulo e Tecla* e outras documentações do período como uma



evidência de um movimento pela emancipação feminina, tomando MacDonald como ponto de apoio e atestando que essas histórias “formataram uma nova comunidade em que os papéis tradicionais de sexo e autoridade eram abolidos” (BURRUS, 1987, p. 118, tradução nossa).

Burrus chega mesmo a dizer que as histórias dessas mulheres são uma “herança que pode ser orgulhosamente reivindicada” (BURRUS, 1987, p. 119, tradução nossa), à medida que Davies lançou as bases para pensar esses grupos de mulheres como movimentos emancipatórios quando pensou a condição dessas personagens como “[...] um modo de se expressar e pregar rebelião em prol da continência” (1980, p. 129, tradução nossa). Portanto, esclarecida as motivações da escolha do presente autor e da sua devida relevância e relação com outros autores, ainda que críticos em relação a sua obra e julguem suas ideias como “fantasia feminista” (BOUGHTON, 1991), exploraremos seus principais argumentos nos próximos parágrafos.

MacDonald delinea bem seu principal argumento nas primeiras páginas: 1) demonstrar como os *Atos de Paulo e Tecla* (no qual o autor da hagiografia do século V se baseou para escrever sua narrativa) bebem da oralidade; 2) as mulheres, em especial as viúvas, seriam as responsáveis por passar essas histórias adiante; 3) *1 Timóteo*, *2 Timóteo* e *Tito* teriam sido elaboradas para contrapor a imagem de Paulo presentes nas lendas, mas também censurar as mulheres que repercutiam-nas; 4) Tecla pode ser tomada como uma evidência de um movimento pela emancipação das mulheres, mas também de uma agência feminina que via no ascetismo uma maneira de escapar da dominação masculina, de acordo com o autor.

São importantes especialmente 1) as desavenças de Tecla com seu noivo; 2) o batismo do leão; 3) e o martírio. Segundo MacDonald, todos esses três momentos da narrativa dos *Atos de Paulo e Tecla* possuem pano de fundo na tradição oral ou no senso comum ou imaginário popular. A relutância de Tamires em se casar com Tecla é interpretada de modo relacionado a de Hipólito e sua madrasta Fedra, escrita por Eurípedes dez séculos antes, mas não estritamente, pois demonstraria que a história de Tecla, bem como diversas outras, constituiriam um clichê cujas origens se encontrariam na tradição oral.

Agnodice, uma mulher cuja história é contemporânea dos *AtPT*,³ teria se vestido como um homem para que pudesse atuar como médica, tendo personagens masculinos contrapostos de maneira pejorativa em relação as mulheres, o que comprovaria que esse tipo de história era repassado primeiramente por mulheres. MacDonald pensa ser pouco

³ A partir daqui, refiro-me aos *Atos de Paulo e Tecla* desta maneira.



provável que as diversas narrativas que registram esses tipos de ocorrências dependam umas das outras ou ainda de uma fonte literária comum, sendo mais provável que elas sejam tributárias da oralidade. Outras fontes contemporâneas aos *AtPT* são mencionadas para atestar como a narrativa aparenta estar se inspirando em uma tradição oral que ressoa em diversas outras obras ainda que de modo mais ou menos semelhante. A morte de Paulo, como registrada de modo completamente dissonante dos *Atos dos Apóstolos*, ainda que o autor dos *Atos* muito provavelmente tenha o lido, indicaria que ele registrou uma versão advinda de outro lugar que não um livro. A ideia de que um necessariamente precisaria depender do outro seria uma espécie de preconceito ocidental. São mencionadas como exemplos aqui especialmente o batismo do leão e o martírio de Paulo em Roma relatados nos *Atos dos Apóstolos* em contraste com o registrado nos *Atos de Paulo*.

Outra preocupação importante de MacDonald é deixar claro de que maneira ele tenta separar o que o autor produziu a partir dos relatos orais (que na sua forma acabada poderiam soar bem diferente do que foi passado inicialmente na oralidade) e o que eram esses relatos em um primeiro momento. Alex Olrik, um folclorista e medievalista dinamarquês que se dedicou a desenvolver um sistema para estudar narrativas orais, é o principal referencial de MacDonald para elencar leis gerais de um modelo que nos permitiria encontrar o núcleo desses relatos na tradição escrita. São, portanto, nove convenções que podem ser aplicadas e eu as descrevo abaixo brevemente:

1. *A lei da abertura*: a oralidade raramente vai começar com ação instantânea, mas com uma transição da serenidade para o alvoroço;
2. *A lei da concentração em um protagonista principal*: Tecla, no entanto, não se encaixa aqui. Apesar disso, a possibilidade de termos dois protagonistas em que um sublima o outro com o passar da narrativa é levada em consideração por Olrik;
3. *A lei do contraste*: a oposição constante entre as personagens da narrativa, de modo que aqueles que não estão ao lado de uma determinada figura certamente estarão contra ela, sem meio-termo;
4. *A lei dos gêmeos*: a possibilidade de termos dois personagens cujas características individuais não são importantes, ambos funcionando como se fossem apenas um indivíduo, de modo que nenhuma particularidade nos permita diferenciá-los. Demas e Hermógenes, companheiros de viagem de Paulo que o traem, cumprem essa função;
5. *A lei da linearidade*: as narrativas orais, ao contrário das escritas, não são dotadas de muita complexidade, e a maioria das informações de pano de fundo que são oferecidas estão inseridas nos diálogos para não atrapalhar a continuidade da narrativa. A história se desenvolve em direção a resolução sem muitos desvios;
6. *A lei da repetição*: a repetição é extremamente importante para as narrativas orais, porque ela permite recheiar o corpo das histórias e criar tensão sempre que necessário. Tecla sofre



quatro tentativas diferentes de assassinato, das quais ela sempre termina por ser livrada; 7. *A lei das tableaux scenes: tableaux scenes* (ou *tableaux vivants*) referem-se a uma forma de representação visual ou teatral onde os atores permanecem imóveis em poses cuidadosamente compostas para criar uma cena ou imagem que é muitas vezes estática e semelhante a uma pintura ou escultura. O termo vem do francês *tableau vivant*, que significa "quadro vivo". Olrik quer dizer que, muitas vezes, essas narrativas orais alcançam o seu ápice em momentos dignos de pinturas ou esculturas em que a realidade cede lugar a fantasia para nos prover momentos como os dos leões lambendo os pés de Paulo e Tecla nua, passando incólume pelo fogo depois de fazer o sinal da cruz com seu próprio corpo.

Enfim, as duas últimas leis. 8. *A lei do encerramento*: a história se encerra em uma transição da agitação para a calma, em que geralmente outros personagens secundários aparecem reagindo ao desfecho dos protagonistas, como no caso de Trifaena, as servas de Teocleia e os cristãos de modo geral na Selêucia; e 9. *A lei das inconsistências narrativas*: justificada pelo fato que inconsistências são muito menos perceptíveis na narrativa oral do que na escrita, gerando momentos de repetição de cenas, como quando Tecla se atira na água duas vezes seguidas durante o momento em que mandam que ela se atire em uma piscina de focas.

Portanto, a presença de conteúdo folclórico e a conformidade da narrativa com as convenções da oralidade elaboradas por Olrik corroboram para que os *Atos de Paulo e Tecla* sejam conhecidos para além da tradição literária. A utilização da antropologia permite a MacDonald chegar a seu ponto principal: as mulheres por trás da oralidade e o motivo pelo qual era importante que elas passassem à frente essas narrativas de virgens que abandonam seus maridos (como no caso dos *Atos de Xantippe, Políxena e Rebeca*). A ênfase na virgindade é interpretada como um ato consciente ou inconsciente de rebeldia contra a dominação masculina. As profetisas montanistas Priscilla e Maximilla são utilizadas como exemplos de mulheres que possivelmente repassavam essas histórias em paralelo à denúncia de Tertuliano de que mulheres estavam utilizando de Tecla como justificativa para que pudessem ensinar e batizar. Obras como as *Exposições dos Oráculos do Senhor* de Papias, um bispo de Hierápolis na Frígia, registrariam também mulheres em posição de contadoras de histórias (nesse caso as filhas de Filipe).

MacDonald acredita que a presença de grupos de mulheres na narrativa em contraposição a homens retratados com desprezo indicaria a simpatia e sensibilidade do autor com a situação das mulheres e também uma postura de ressentimento com o sexo masculino. A virgindade se manifestaria nesse contexto como uma expressão de crítica de uma sociedade conjugal, revolta em relação ao *status quo*, independência e criticismo, não



somente pureza, tendo suas raízes na Ásia Menor, como indica a relevância de mulheres como Febe e Priscila, mas também Priscila e Maximilla, além da referência a diaconisas em inscrições encontradas na região.

Um detalhe importante a respeito da atuação dessas mulheres contadoras de histórias é que MacDonald acredita que elas integram uma seita de celibatárias da Ásia Menor, que criam no retorno de Cristo para destruir o mundo e resgatar os seus seguidores. MacDonald cita Victor Turner, um antropólogo britânico do início do século XX,⁴ mas especialmente seu livro *O Processo Ritual: Estrutura e Anti Estrutura* de 1969, em que ele elenca características (ainda que ele as tenha pensado a partir de uma realidade completamente diferente) para qualificar movimentos apocalípticos.

Com Turner, MacDonald quer demonstrar como muitos cristãos nesse momento se enquadrariam nesses quesitos: igualdade, homogeneidade, abdicação de propriedades, redução de todos a um mesmo *status*, continência sexual, humildade, desprezo pela própria aparência, abnegação de casamentos, dentre outros. A renúncia do casamento e a retirada da sociedade de modo geral dessas mulheres para uma vida de contemplação e castidade constituiriam, conseqüentemente, em um ataque frontal às instituições mais importantes da época: a *pólis* (cidade) e a *oikia* (o lar).

Sendo assim, as epístolas de *1 Timóteo*, *2 Timóteo* e *Tito* teriam sido escritas por alguém assumindo a identidade de Paulo em uma tentativa de conformar a igreja à sociedade. A utilização da figura de Timóteo e Tito seriam fundamentais para estabelecer uma continuidade entre a autoridade de Paulo e a dos bispos na época em que o autor estava escrevendo. Mas, para além disso, representam a idealização de uma liderança eclesiástica mais hierárquica e menos democrática, se comparada com a em voga no período e representada nos *AtPT*. Timóteo e Tito representam um marco fundamental na limitação da atuação carismática, isto é, do exercício dos dons (ensinar e liderar, especialmente, considerados dons dados de *charis*, ou seja, de “graça”, que é o singular de *charismata*, de onde vem a palavra “carismas”) por parte do público leigo. As qualidades de um presbítero elencadas nessa documentação são muito semelhantes às qualificações que um homem precisava ter para que fosse um general romano, não se pode de nenhuma maneira estar em desacordo com a sociedade, com má fama, o que contrasta muito com a figura de Paulo e outras figuras na tradição.

1 Timóteo 5.10 chega a dizer que as viúvas devem ser capazes de criar crianças, o que aparenta ser mais uma tentativa de conformar à sociedade romana um grupo social que nada parecia ter a ver com ela. MacDonald, além de defender a interpretação supracitada a

⁴ Cujo estudo se centrava nos processos ritualísticos, símbolos e rituais de passagem, principalmente no contexto de sociedades africanas contemporâneas.



respeito dessas que são chamadas Cartas Pastorais, cita a reprimenda direcionada às viúvas em *1 Timóteo* 5.3-16 como uma das maiores evidências das mulheres atuarem como contadoras de histórias, dado que o autor recomendaria que essas mulheres fossem controladas, pois estariam falando o que quisessem nas casas em que iam.

MacDonald encerra dizendo que ambas as narrativas são perdedoras e vencedoras, destacando o contexto social de conflito do cristianismo nos primeiros séculos, especialmente entre uma liderança episcopal em vias de consolidação e uma liderança carismática com tendência apocalíptica (o Montanismo, a Nova Profecia e o Gnosticismo seriam exemplos de movimentos desse tipo). Surpreendentemente, o autor endossa de maneira acrítica ao longo das quase cem páginas a ideia de que o autor dos *AtPT* era de fato um presbítero da Ásia Menor que foi excomungado depois de admitir que teria inventado tudo o que escreveu. Para ele, esse presbítero é uma vítima da disputa desses dois modelos de liderança distintos: um que tentava se conformar a ordem social vigente e outro que se opunha a ela em quase todas as maneiras possíveis. A repercussão, no entanto, de narrativas que contrapõem a imagem de Paulo, construída nas “Epístolas Pastorais”, seriam para o autor uma prova de que não se pode afirmar que a disputa pela imagem do apóstolo foi completamente perdida. A quantidade de variações dos *AtPT* registradas ao longo da Antiguidade Tardia e as menções pelos mais diversos autores do período (como Orígenes, Metódio, Atanásio, Teodoro de Mopsuéstia e Gregório Nazianzeno) atestariam o vigor dessas narrativas provenientes da tradição oral. A *Vida e Milagres de Santa Tecla*, obra escrita no século V por um autor anônimo, é citada por MacDonald somente pelas menções ao culto de Tecla na Selêucia durante aquele tempo, comprovando mais uma vez a vitalidade e popularidade dessas histórias.

The Legend and The Apostle: The Battle for Paul in Story and Canon é, portanto, uma obra ímpar no estudo da condição feminina na Antiguidade Tardia para estar a par das discussões contemporâneas acerca do assunto, pois sem lê-la, dificilmente conseguimos nos localizar de maneira assertiva no estado atual do debate, o qual tem reconsiderado diversas das afirmações defendidas por ele e por outros autores como Stephen Davis e Virginias Burrus, alegando principalmente uma análise das fontes comprometida ideologicamente e um tratamento pouco cuidadoso das evidências. De qualquer modo, o trabalho de Dennis MacDonald é incontornável, quer para mal ou para bem.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRIER, Jeremy. The Acts of Paul and Thecla. The historiographical context. In: **Studies on Early Christian Apocrypha; 12: Thecla – Paul's Disciple and Saint in the East and West**. Leuven: Peeters, 2017, p. 327–350.

BOUGHTON, Lynne. From pious legend to feminist fantasy: Distinguishing hagiographical license from apostolic practice in the “Acts of Paul”/“Acts of Thecla”. **The Journal of Religion**, v. 71, n. 3, p. 362–383, 1991.

BURRUS, Virginia. **Chastity as Autonomy: Women in the Stories of the Apocryphal Acts**. Lewiston: E. Mellen Press, 1987.

DAVIES, Stevan. **The Revolt of the Widows: The Social World of the Apocryphal Acts**. Illinois: Southern Illinois University Press, 1980.

DEVAI, Sara. **Atos de Paulo e Tecla: estudo e tradução. Tese de Mestrado**. Letras Clássicas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

MATTHEWS, Shelly. Thinking of Thecla: Issues in Feminist Historiography. **Journal of Feminist Studies in Religion**, vol. 17, n. 2, p. 39–55, Fall 2001.

MACDONALD, Dennis. **The Legend and the Apostle: The Battle for Paul in Story and Canon**. Philadelphia: The Westminster Press, 1983.

SANTOS, Cainã Lima Novaes dos. Vida e Milagres de Santa Tecla (séc. V): contexto de produção e características gerais. In: SILVEIRA, Marta de Carvalho; RIGAS MARTINS, Rosiane Graça; VELOSO, Wendell dos Reis (Orgs.). **Diálogos Medievais**. Rio de Janeiro: Chalé Editorial, 2024, p. 18–26.

VOGT, Kari. The Woman Monk: A Theme in Byzantine Hagiography in: BERGGREEN, Brit, MARINATOS, Nanni (org.). **Greece & Gender**. Bergen: Norwegian Institute at Athens, 1995, p. 141-148.